

Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia - ITGT
Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* com vistas a Especialização na Abordagem
Gestáltica
Cancela da Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC-GO

**O Habitar da Pessoa Idosa numa Instituição de Longa
Permanência: uma perspectiva da abordagem
gestáltica**

Bárbara Spenciere de O. Campos
Dra. Virgínia E. Suassuna Martins Costa

Goiânia
Novembro de 2010

Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia
Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em nível de especialização em Gestalt-terapia

**O Habitar da Pessoa Idosa numa Instituição de Longa
Permanência: uma perspectiva da abordagem
gestáltica**

Bárbara Spenciere

Virgínia E. Suassuna Martins Costa

Goiânia
Novembro de 2010

O Habitar da Pessoa Idosa numa Instituição de Longa Permanência: uma perspectiva da abordagem gestáltica ¹

Bárbara Spenciere²

Virgínia E. Suassuna Martins Costa³

Resumo:

Frente ao processo de envelhecimento populacional, a internação em uma instituição de longa permanência vem sendo a opção da família ou do próprio idoso(a). Nesse sentido o estudo do espaço vivido pela pessoa idosa em uma instituição de longa permanência para idosos, mostrou-se de suma importância. Para tanto, essa pesquisa buscou compreender a vivência do envelhecido em habitar uma ILPI. Utilizou-se a metodologia de pesquisa fenomenológica para acessar os dados colhidos nas entrevistas semi-dirigidas que eram compostas por duas perguntas norteadoras específicas do tema. Evidenciou-se, diversas formas dos idosos se auto-regularem em suas relações com o mundo circundante, próprio e humano ao habitarem uma ILPI.

Palavras-chave: Instituição de Longa Permanência para Idosos, Terapia Gestalt, Envelhecimento.

Abstract:

Faced with aging population, need for a long-term care institution has been the choice of family or elderly people. In this sense the study of the place experienced by the elderly in a LTCI, was paramount. To that end, this research sought to understand the experience of the elderly living in a LTCI. We used a phenomenological research methodology to access the data collected in semi-directed interviews that were composed of two main questions specific theme. It was evident that various forms of elderly self-regulate in their relations with the surrounding world, own and human when inhabiting an LTCI.

Key-Words: Home for the aged, Gestalt therapy, Aging.

¹ Trabalho apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em Gestalt-terapia pelo Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia de Goiânia.

² Psicóloga graduada pela PUC-Goiás, Assistente de Articulação do Projeto PLANTAR na PUC-Goiás, Professora da UNATI – PUC-Goiás.

³ Psicóloga graduada pela USP, Professora da PUC-GO e fundadora, professora e supervisora do ITGT (GO), Mestre em Psicologia pela PUC-GO e Doutora em Ciências da Saúde UnB/UFG-GO. (virginia@itgt.com.br)

Introdução

O interesse da autora pelo estudo da senescência existe desde 2008 com suas pesquisas no Programa de Gerontologia Social da PUC-Goiás. Devido à motivação de ampliar as pesquisas, somada às questões de caráter cultural e sociodemográficos que permeiam essa categoria etária, fora decidido como objetivo do presente estudo compreender a vivência dos idosos em habitar uma ILPI na cidade de Goiânia.

O olhar da abordagem gestáltica sob essa temática faz-se de suma importância, uma vez que a sociedade caminha para um envelhecimento populacional e as produções bibliográficas ainda são escassas, principalmente na abordagem em questão.

Durante a época moderna na sociedade ocidental, mais especificamente a partir do século XIX, começou haver o surgimento de categorias etárias. Gradativamente, peculiaridades entre as diferentes idades e hábitos, espaços e funções específicas a cada grupo etário foram se estabelecendo (Silva, 2008).

A classificação por idade realizada por Philippe Ariès (1978) com o surgimento da categoria infância foi um marco para as demais categorias que viriam a se instalar ao longo do século XIX, se estabilizando no século XX. Dessa maneira, identidades etárias foram se constituindo por meio de características próprias da etapa e da vivência de ‘habitar’ cada uma delas. Nesse contexto o grupo etário da velhice surge (Silva, 2008).

Idoso(a), de acordo com o dicionário Houaiss, é o velho, é aquele que tem muitos anos de vida. Já o processo de tornar-se pessoa idosa, é a senescência. Para a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2010), a definição da idade que determina a entrada na senescência é de 60 anos.

Beauvoir (1990) considera que a realidade da pessoa idosa não é a mesma em todo local nem ao menos em toda história. Moreira e Nogueira (2008), por sua vez,

complementam que, não obstante das outras faixas etárias da vida, a senescência é marcada por características diferenciadoras no que tange ao tempo, ao espaço, às vivências individuais, sociais e culturais do idoso.

De posse dessa opinião, vários estudos julgam necessária a contribuição e atenção de diversas disciplinas para que se tenha uma visão com diferentes contornos e, portanto mais completa, acerca do processo de envelhecimento (Koller (2004), Pavarini, Mendiondo, Barham, Varoto & Filizola (2005), Pereira (2005), Moreira & Nogueira (2008), Silva (2008)).

Estruturada na concepção da necessidade de um olhar múltiplo, buscou utilizar-se de conhecimentos antropológicos, sociológicos, filosóficos e psicológicos acerca da senescência para o embasamento teórico dessa pesquisa.

1- Antropologia e Sociologia

As diferentes culturas e épocas tem suas peculiaridades e até suas semelhanças quando o tema é idoso. O contexto socioeconômico e cultural influencia na forma de ser e de estar no mundo.

Moreira e Nogueira (2008) destacam que estudos transculturais referentes ao envelhecer foram relevantes para que se visse a velhice e o envelhecer, não só como fenômeno biológico e natural, mas, a partir de uma perspectiva cultural em que se vislumbra diferentes concepções acerca da terceira idade.

Algumas sociedades, como exemplo as orientais, os idosos(as) são respeitados pelos conhecimentos que adquiriram no decorrer de suas vidas. Diferente do que ocorre nas sociedades ocidentais as quais são centradas na produção e dinamicidade. Nestas, a pessoa idosa, por não ser mais nem um produtor de bens nem um consumidor em potencial, perde seu valor social, se torna descartável e é excluído. Visão corroborada

por Haddad (1986), Bosi (1994), Sousa (2004), Moreira e Nogueira (2008) e Silva (2008).

De acordo com Negreiros (2003), no ocidente vê-se o processo de envelhecimento como ligado a efeitos indesejáveis decorrentes da passagem do tempo, sendo raras as situações em que o envelhecer é relacionado a conquista de características positivas, sabedoria e virtude como acontece no oriente.

Augras (2002), por sua vez, ao questionar se a velhice é decadência ou sabedoria, argumenta que essa questão será respondida em função do julgamento social. Beauvoir (1990) acredita que quando esse olhar social é de inferiorizar a pessoa, ela começa a se sentir como tal e, na busca de fugir, não assumem a real idade, assumindo-se mais jovens ou até, em alguns momentos, doentes.

Uma outra consequência dessa visualização da sociedade para o idoso, é a de se sentir velho sem nem ao menos ter vivenciado, muitas vezes, as mudanças advindas da idade. Beauvoir (1990) metaforicamente exemplifica com a seguinte frase: “interiormente, não adere à etiqueta que se cola a ele: não sabe mais quem é” (p.358).

Direcionando o olhar especificamente à sociedade brasileira, Moreira e Nogueira (2008) realizaram uma pesquisa fenomenológica em que buscaram compreender a experiência de envelhecer nesse contexto. Concluíram que a velhice é vivida de forma ambígua, com uma tendência maior ao negativo, uma vez que, os valores socioeconômico e culturais valorizam aquilo que é novo e o que é velho é normalmente estigmatizado.

Em um âmbito jurídico, o desinteresse e a não atenção da sociedade à pessoa idosa também são destacados. Pode ser notoriamente exemplificado, através da diferença de 13 anos entre as datas de criação do Estatuto da Criança e do Adolescente e

a do Estatuto Idoso. Sanches, Lebrão e Duarte (2008) complementam que os estudos acerca da violência contra a pessoa idosa só foram acontecer trinta anos após os da violência infantil. Fica nítido que a preocupação com o idoso está sempre *a posteriori*.

2- Visão filosófica

Jaspers (2006) ressalta que o espaço e o tempo estão presentes na vivência do indivíduo e não se ausentam. A temática do artigo em questão direciona-se para a vivência do idoso em um espaço específico: uma instituição de longa permanência para idosos. Nesse sentido, discorrer a respeito de como o espaço é vivido faz-se imprescindível. Uma vez que o homem é um ser-no-mundo.

Augras (2002) referindo-se ao conceito heideggeriano de *Dasein* expressa a idéia do filósofo que “o existir inclui o espaço, como inclui o mundo” (p.39). Silva (2007) complementa que, pelo fato do *Dasein* existir, simplesmente, já cria um espaço onde ele vive.

Ser-no-mundo é uma expressão utilizada por Heidegger (2008), que em sua própria forma escrita entre hífen, evidencia uma noção de unidade homem-mundo. Mundo este que tem como uma de suas significações; “o contexto ‘em que’ uma presença fática ‘vive’ como presença” (p.112).

Binswanger (2004), por sua vez, acredita que ser-no-mundo é uma estrutura originária e sempre total, não podendo ser dividida em elementos independentes. Contudo, ressalta que pode ser descrita em momentos que a constituem; *mundo circundante, mundo humano e mundo próprio*.

O primeiro é caracterizado por proporcionar o contato entre o corpo e o meio externo, por exemplo, via dos órgãos dos sentidos. O ser humano habita no mundo que

se abre em diversas possibilidades para ele. O homem, então, precisa adaptar-se e acaba até mesmo por agir sobre este mundo (Forghieri,1993).

O homem se movimenta por si só nesse espaço, e, assim, se orienta no mesmo. Portanto, o espaço é aberto para o homem e ele é o construtor das coisas (lugares) nesse espaço (Forghieri, 1993). Porém, não se pode deixar de ressaltar que o homem e o espaço se “co-pertencem” (Silva, 2007). Enfim, o homem se orienta no espaço, podendo construí-lo.

A vivência do ser no espaço é referida por Forghieri (1993) como espacializar. Ela não se limita ao tempo presente *estar aqui*, mas inclui *ter estado acolá*, passado, e *estar acolá*, no futuro. As vivências do espaço e do tempo, portanto, se inter-relacionam, visão corroborada por Silva (2007).

Dessa forma, temporalizar, que é a vivência do tempo cronológico, é outro aspecto da vivência do ser-no-mundo e, segundo Forghieri (1993), a mais próxima do existir. O tempo caminha independente da vontade humana com amplitudes e restrições. Nele, o ser humano pode ultrapassar a situação momentânea e vivenciar inclusive sua finitude.

Ao vivenciar o tempo, o ser humano encontra-se aberto e livre para escolher dentre as possibilidades com as quais se depara. O ato de escolher está ligado ao tempo passado, presente e a imprevisibilidade do futuro o que acarreta a decisão da escolha um caráter de liberdade e também de responsabilidade (Forghieri, 1993).

Ainda no *mundo circundante* também ocorre o encontro com os outros uma vez que é “a partir do mundo que a presença se mantém” (Heidegger, 2008, p.175). E, é a partir desse mundo e da “co-presença dos outros”, vindas de distintas maneiras, que a

presença se articula. Enfim, “o outro vem ao encontro em sua co-presença no mundo” (p.176).

Heidegger (2008) enfatiza ainda que “o mundo da presença é sempre mundo compartilhado com os outros. O ser-em é ser-com os outros” (p175). o que constitui o *mundo humano*. Mesmo quando o ser está só, ele está-com. Assim, o espaço é vivido com os outros, de uma maneira compartilhada.

O ser é constituinte do mundo e que o “ser-com constitui existencialmente o ser-no-mundo” (Heidegger, 2008, p.177). Portanto, o homem existe em um espaço e está em relação com os outros.

Finalmente, o *mundo próprio* constitui-se como outro aspecto do ser-no-mundo e diz respeito à relação estabelecida consigo mesmo. Ao se relacionar com os outros e com o mundo, ele atualiza suas potencialidades e reconhece-se enquanto si mesmo. Nesse ser-si-mesmo, o homem transcende o aqui e agora e traz o passado e o futuro (Forghieri,1993).

3- Visão Psicológica

Na contemporaneidade, a categoria etária da velhice passa a ser considerada como terceira idade tendo uma nova concepção do velho que passa a ser denominado ‘idoso’, ‘jovem senhor’ e não mais ‘velho’. O surgimento da “identidade terceira-idade” está ligada a questões contemporâneas (Silva, 2008 e 2009). Algumas características são descritas como constituintes da identidade atual da terceira idade: individualidade, auto-responsabilidade, flexibilidade e disposição a aprender, noção indefinida da real idade ou *ageless*, ativo. Essas tendências estão presentes na experiência da terceira idade contemporânea.

Pereira (2005) ressalta que grande parte dos estudos acadêmicos acerca da longevidade e envelhecimento estão nos âmbitos físicos e biológicos. Em contrapartida, em sua pesquisa, mostra um olhar psicológico acerca do envelhecer, referindo-se a essa faixa etária como multifacetária na medida em que algumas pessoas a vivenciam como inquietante e penosa enquanto outras a encaram como rica e repleta de significados.

Nesse grupo etário, de acordo com, tem-se a presença de limitações físicas, dores, perdas profissionais e pessoais, ameaça de doenças, aposentadoria, casamento de filhos, pouca convivência social. Esses fatores produzem uma sensação de vazio e inutilidade, e isso induz a momentos de reflexão sobre o envelhecimento e o sentido da vida, o que gera uma necessidade de adaptação. (Portal e cols., 2002 e Bessa e Silva, 2008).

Negreiros (2003) de igual maneira, acredita que o envelhecimento leva o indivíduo à busca de um sentido à sua própria vida. Enfatizando a necessidade da pessoa idosa em integrar; passado, presente e futuro.

A terceira idade, segundo Bauman (2005), pode ser uma possibilidade de responder pelos projetos de vida de maneira individual e até solitária, favorecendo o engrandecimento da perspectivas de vida do senescente.

Entretanto, segundo Pereira (2005), sentimentos de incerteza e impotência relacionados a possibilidades de perdas, morte e dependência são mais constantes nessa etapa da vida.

3.1-Abordagem gestáltica e terceira-idade

O envelhecimento é um percurso de mudanças inerentes ao desenvolvimento do ser humano, porém, cada um o vivenciará de maneira individual e singular, pois somos seres únicos (Neri, 2001 e Koller, 2004).

Na abordagem gestáltica o processo de envelhecer é também definido como um processo repleto de mudanças gerais, em que se tem uma diminuição dos comportamentos fluidos, da autonomia, da capacidade de reagir e recuperar de eventos de stress, de um outro lado, maior vulnerabilidade devido a perdas e aproximação da morte (Koller, 2004).

Para lidar com tantas mudanças, é importante que a pessoa idosa atualize suas potencialidades. O impulso permanente que leva o homem a essa atualização, segundo Ribeiro (1985), é a auto-regulação organísmica cujo movimento dá “duração e unidade à vida” (p.107). A auto-regulação parte de um olhar total da funcionalidade do organismo em que se privilegia as necessidades mais urgentes para serem satisfeitas, primeiramente (Ribeiro, 2006).

O processo em que o indivíduo utiliza de sua espontaneidade para encontrar formas, seja no ambiente ou em si mesmo, de se auto-regular é o ajustamento criativo. Esse fenômeno pode ser tanto instintivo quanto instrumentalizado. Para se viver, é preciso um movimento constante de ajustar-se criativamente (Ribeiro, 2006). De acordo com Koller (2004), esse mecanismo surge a partir de uma necessidade e se dá na relação do indivíduo com o meio.

Os ajustamentos criativos terão que ser realizados no envelhecimento de forma gradual para os indivíduos poderem ressignificar suas experiências; aceitar e conviver com limitações e transformações, frustrações, perdas, preconceitos, *gestalten* abertas, pensamentos de inutilidade, abandono e solidão. Assim como, deixar de lado “máscaras sociais” e evitar fugas ao passado e isolamento (Koller, 2004).

Tanto a auto-regulação organísmica quanto o ajustamento criativo acontecem em um determinado tempo e espaço. Ribeiro (2006) conceitua como aqui e agora o processo

em que essas duas instâncias estão em uma relação de interdependência, e não podem ser pensada uma sem a outra. Ele destaca ainda que o ser humano está inserido em ambos e que a maneira como ele vive essa inter-relação indica muito acerca de como essa pessoa se organiza e se projeta para o futuro.

Koller (2004) afirma que o processo de envelhecer é construído a cada instante no aqui e agora, com a auto-regulação orgânica, enfrentando as perdas que advém com o passar dos anos e ressaltando os ganhos, auto-realização e o crescimento. O que também evidencia a presença do ajustamento criativo.

Com relação à organização do indivíduo no tempo, Silveira (2008) afirma que a velhice engloba todas as etapas da vida antes percorridas, suas perdas e ganhos. Essa retrospectiva do que fora vivido, leva a uma aceitação do seu próprio ciclo de vida. De uma outra perspectiva, pode-se perceber a existência de situações inacabadas e perdas, não ressignificadas, que podem impedir seu “potencial criativo para seguir confiante” (p.133). Pois, segundo Koller (2004), as vivências acumuladas no percorrer da vida estarão refletindo de algum modo na pessoa idosa.

Além de o indivíduo se organizar na temporalidade, ele se ajusta em suas relações nas quais acontece um contato entre os entes. Esse contato se dá nas fronteiras de contato que cada indivíduo envolvido na relação possui. Elas são limitações individuais (Polster & Polster, 2001) e é nelas que se assimila aquilo que é permissível a si mesmo e a rejeita-se o que não é.

As características principais das fronteiras de contato referem-se à dialética da união e separação e às suas especificidades. Estão subdivididas em cinco dimensões segundo Polster & Polster (2001). A primeira, a fronteira do corpo refere-se ao contato que o indivíduo tem com as sensações e funções corporais. A segunda, da familiaridade,

é a fronteira que traça os limites entre aquilo que é familiar e o que é novo. A terceira, do valor, destaca o limiar dos valores pessoais. A quarta, de expressão, ressalta a fronteira da forma como se expressa sentimentos e pensamentos. E, por fim, a quinta, a fronteira de exposição é o limiar de ser observado e reconhecido.

Para Silveira (2000 & 2008), grande parte dos trabalhos voltados para a terceira idade colocam-no como pessoas ligadas a lembranças e recordações distantes do presente, o que segundo a autora, é desatualizado. Para ela, os idosos(as) sofrem perdas, se preocupam com doenças, estudam, namoram, passeiam, fazem atividades domésticas, religiosas, culturais e até filantrópicas.

4. Integrando as visões

Silveira (2008) ressalta que um aspecto natural do desenvolvimento humano - velhice – está inscrito no imaginário social de forma variada dependendo da história e cultura da sociedade. O momento histórico atual nega o envelhecer, as perdas e cultiva mais o ter e a aparência física. Isso “estraçalha a maneira da pessoa estar no mundo, favorecendo a eclosão de doenças como pânico, depressão e toxicomanias que nada mais são do que impossibilidades de um melhor ajustamento criativo ao ambiente” (p.133).

A respeito dessa relação ser-no-mundo, Silva (2007) comenta que ela é um habitar pensado de uma forma essencial. É ao habitar que se tecem as teias de relação. O ser-no-mundo é influenciado pela forma de habitar o *mundo circundante*, *mundo humano* e o *mundo próprio*.

5. O espaço: ILPI

Desde os anos 70, segundo o Instituto de pesquisa econômica aplicada (2008), o país vem enfrentando uma queda na taxa de natalidade e de mortalidade bem como mudanças nas configurações familiares advindas da inserção maciça das mulheres no

mercado de trabalho e o aumento da escolaridade das mesmas, o que acarretou uma modificação no sistema de valores da sociedade. Todas essas mudanças enfraquecem os cuidados intergeracionais, antes desempenhados pelas mulheres, e afeta diretamente o cuidado para com o idoso.

Frente a essa realidade, o IPEA (2008) levanta a questão de que uma das alternativas para provisão de cuidado ao idoso é a Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) que se trata das antigas instituições asilares e têm como atividade o cuidar do idoso, com algum grau de dificuldade em desempenhar as rotinas de vida diária, com baixa renda e/ou aqueles idosos cuja família não tem condição psíquica, financeira e até física de prestar os cuidados dos quais ele necessita.

Tier, Lunardi e Santos (2008), por sua vez, definem as ILPIs como estabelecimentos que promovem atendimento integral a idosos, dependentes ou não, que não tem condições de viver com a família ou em seu domicílio.

Um ponto a se destacar é que a residência de idosos em ILPI não é uma prática comum na sociedade brasileira. Eles atribuem essa realidade por as instituições serem poucas e de alto custo e pela sociedade ter o preconceito de que os idosos preferem ser cuidados pela família. Em contrapartida a escassa oferta do serviço, o órgão responsável pela pesquisa afirma ainda que a demanda por cuidados institucionais tende a crescer (Pollo e Assis, 2008).

Creutzberg e cols. (2007) corroboram com o IPEA (2008) quando afirmam que se tem uma tendência ao aumento na internação de idosos em ILPIs no Brasil. Eles ressaltam também que existe um consenso em afirmar que essas instituições, além de serem uma importante alternativa, são uma maneira de se garantir qualidade de vida a

essa população. Todavia a questão levantada por eles é a qualidade do atendimento oferecido por estas instituições.

Bessa e Silva (2008) afirmam que muitos idosos têm a chance de poder conviver com seus familiares até o fim de suas vidas, porém outros têm que aprender a conviver em Instituições de Longa Permanência para Idosos com pessoas que lhes são estranhas. Isso se dá, devido ao fato de que muitos idosos passam a não mais poder contar com a rede de apoio familiar. Essa internação na ILPI requer um reestabelecimento da vida como um todo o que muitas vezes trata-se de um evento muito complexo.

Ainda para as autoras, a ILPI é rodeada por um simbolismo e por isso não é aprovada socialmente, no entanto, tem sido a alternativa encontrada por quem não possui mais autonomia para viver sozinho. Elas depararam em sua pesquisa com os seguintes fatores que levaram idosos a entrarem na ILPI; evitar solidão, por influência de outras pessoas, necessidades de cuidados de saúde, favorecimento de práticas religiosas, conflitos e exclusão familiar, processo adaptativo, sentir-se produtiva, sentimentos de perda/ enfrentamento da realidade e abdicar da autonomia pela segurança institucional. Portanto, várias causas externas contribuíram para a inclusão dos idosos na instituição, porém a escolha e iniciativa foi dos próprios idosos.

5.1- ILPI em Goiás e Goiânia

O crescimento populacional que o país vivencia também é nítido no estado de Goiás; os idosos que eram 3,0% da população goiana total em 1950 cresceu para 6,6% em 2000 (IPEA, 2008).

Em Goiás há 157 ILPIs em todo o estado e 59% dos municípios não contam com nenhuma instituição desta natureza. A grande maioria das instituições pesquisadas

começou a funcionar entre 1980 e 1990 o que confirma o quão recente é a temática de instituição de cuidado ao idoso em neste estado (IPEA, 2008).

Em Goiânia existem nove instituições de longa permanência para idosos. A população idosa residente nelas é, em sua maioria dependente de cuidados (IPEA, 2008).

No caso dessa pesquisa o espaço abordado, como fora visto acima, é a Instituição de Longa Permanência para Idosos. E frente ao processo de envelhecimento populacional e o aumento no número de idosos na sociedade, faz-se necessário refletir a respeito das opções de habitar um espaço que não seja o da própria família.

Caminho Metodológico

Participantes:

Dois casais que estão internados na instituição. Os sujeitos da pesquisa são S1 60 anos, sexo feminino, casada com S2, sexo masculino, 74 anos e moram há um ano na instituição. S3 74 anos, sexo feminino, casada com S4 83 anos, sexo masculino e residem na ILPI há três meses.

Materiais:

Foram utilizados os seguintes materiais: gravador digital, folha, mesa, computador, impressora, pen-drive, tinta.

Procedimento:

Para compreender os significados atribuídos ao *habitar* essa ILPI, orientado pela perspectiva fenomenológica de pesquisa, o presente estudo teve como instrumento de investigação entrevistas semi-dirigidas.

Escolheu-se essa forma de entrevista, pois segundo Turato (2003), entrevistador e entrevistado direcionam a entrevista de forma em que ambos corroboram com o processo do entrevistar o que viabiliza o aparecimento de vários fenômenos e o acesso

ao vivido. Essas características do instrumento favorecem a compilação e análise dos dados ante ao objetivo proposto.

A entrevista era composta por uma pergunta norteadora específica do tema que é o objeto de estudo desse artigo; a vivência do idoso em habitar uma ILPI em Goiânia. Para tanto, a questão disparadora foi: como é habitar nessa instituição?

Após várias tentativas em outras ILPIs que não foram receptivas à pesquisa, e para conseguir a autorização para realizar a pesquisa na instituição, a autora entrou em contato com a coordenadora responsável pelo atendimento ao idoso na Secretaria de Cidadania e Trabalho que contatou a direção da ILPI – Casa do Idoso - permitindo a entrada da pesquisadora. As instalações e atividades realizadas na ILPI foram apresentadas à autora pelo coordenador da instituição.

A ILPI, portanto, é pública, mantida pelo Governo do Estado de Goiás, e situada em Goiânia. Possui 30 casas e os residentes são idosos independentes; cada um tem sua casa. A casa tem um quarto, um banheiro, uma sala, uma cozinha, uma varanda no fundo da casa com um tanque para lavar roupas e na frente uma área de jardim.

Os residentes não tem custo para morar, não pagam nenhuma taxa por estarem na instituição e nem por receberem o que a ILPI proporciona a eles. Porém, a alimentação, custos pessoais e de manutenção da casa são mantidos pela aposentadoria dos mesmos.

A ILPI oferece oficinas de trabalhos manuais, momentos de convivência, aulas de alfabetização para os residentes e estende as atividades para a comunidade idosa da região com o intuito de promover uma integração e maior convivência dos idosos com o grupo social local.

As entrevistas foram realizadas na casa dos residentes da ILPI. A autora chegou à porta, se apresentou e disse do interesse em realizar a entrevista. Explicou acerca do

sigilo e questionou a disponibilidade do sujeito em participar. Após o consentimento e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foram feitas e gravadas as entrevistas. Após a transcrição das entrevistas e a análise dos dados, as mesmas foram deletadas.

A análise dos dados foi baseada no método da pesquisa fenomenológica de Giorgi (1985) que, ao se seguir quatro passos de reduções fenomenológicas alcança-se unidades de significado que expressam o conteúdo temático dos depoimentos.

Esse método tem como primeiro passo ler todo relato do participante na busca de um sentido geral. Em um segundo momento a leitura terá o objetivo mais específico de identificar unidades significativas com o foco no fenômeno a ser pesquisado. O terceiro passo é o de delinear as unidades significativas que mais revelam o fenômeno em consideração. E o quarto e último momento é o de sintetizar todas as unidades significativas de forma a efetivamente demonstrar o que fora experienciado pelo sujeito em questão (Giorgi,1985).

É imprescindível na utilização desse método que não se perca a noção do todo e ao se buscar as unidades significativas, fazê-lo em etapas à medida que as unidades forem emergindo. Essas unidades espontaneamente se destacarão em meio à descrição do discurso do sujeito. Todo o método é baseado na descrição e percepção do fenômeno que se mostra (Giorgi, 1985).

Amatuzzi (2008) ressalta a importância da pesquisa fenomenológica que é direcionada para o vivido e permite, assim, a expressão do significado que nele está contido. O vivido é expresso por intermédio da presença e movimentação dos sujeitos no mundo.

Diante dessa afirmação, percebe-se a importância de se pesquisar não somente o espaço físico, mas também como ele é vivido. Enfim, como os idosos vivenciam o habitar em uma ILPI.

Discussão

A partir da fundamentação teórica e posterior coleta e análise dos dados, pode-se chegar a algumas considerações. Neri (2001) afirma que cada pessoa idosa vivencia seu processo de envelhecer à sua maneira. Nos relatos dos casais e nos quadros em anexo, percebe-se que cada ser-no-mundo habita de forma individual o *mundo circundante*, o *mundo humano* e o *mundo próprio*. Porém, a partir da análise dos dados, pode-se alcançar uma unidade de sentido comum à singularidade dos sujeitos; o cuidado.

Entretanto essa singularidade é vivenciada pelo casal S1 e S2, ao habitar o espaço da ILPI, como cuidado relacionado ao auxílio no que se refere a questões na saúde, ao financeiro e ao diálogo estabelecido nesse *mundo circundante*. O cuidado se torna mais valorizado em função da escassa presença da família. Para o casal S3 e S4, o cuidado é vivenciado nas mesmas dimensões, embora valorizem mais intensamente o cuidado no aspecto financeiro, incluindo, no caso de S4 as atividades desenvolvidas pela instituição.

A unidade de sentido, cuidado, também se mostra na relação que o idoso estabelece com o seu *mundo circundante* ao cuidar das plantas e da casa. S4 comenta: “...tem minhas plantinha aqui fora que eu gosto de cuidar...”. Esse cuidado dos participantes com o jardim e com a casa evidenciam um co-pertencimento e uma co-construção entre o espaço que passaram a habitar ao entrarem na ILPI e eles. Esse apontamento entre homem e espaço é bem descrito por Forghieri (1993) e Silva (2007).

A escolha dos idosos em habitar um novo *mundo circundante*, uma ILPI, em detrimento de sua casa aparece como outra forma de se cuidar. A entrada na instituição se deu por motivos diferentes, mas em todos os casos pode ser compreendida como uma forma de auto-regulação. No que diz respeito à entrada dos idosos nessa instituição, esse estudo obteve resultados semelhantes ao de Bessa e Silva (2008). Em ambos, o ingresso na ILPI foi por iniciativa e escolha própria dos idosos. Porém a entrada fora causada por questões externas diferentes. No caso da presente pesquisa, o Casal A (S1 e S2) teve como motivo de entrada, a necessidade de cuidados na saúde: “...marido doente, eu tinha que vir. Mas agora que eu estou aqui, aqui é bom!”(S1). Já o Casal B (S3 e S4) o ingresso fora por razão de ordem financeira: “... a gente morava em um outro lugar que era particular... e nunca sobrava dinheiro...” (S4).

De acordo com Beauvoir (1990) a realidade da pessoa idosa sofre modificações dependendo do espaço e tempo em que o sujeito está inserido e o indivíduo tende a se auto-regular. Isso evidencia-se nos relatos dos idosos entrevistados quando os casais comparam a vida que tinham residindo no *mundo circundante* de antes e no *mundo circundante* de agora: S1: “A gente morava de aluguel... Era muito difícil. Mas parece que Deus abriu as portas pra mim, aí eu vim aqui e consegui... me sinto muito bem aqui graças a Deus...”. Nesse paralelo, pode-se perceber a relação tempo-espaço defendida pela Gestalt-terapia (aqui e agora).

Koller (2004) destaca a idéia de que a pessoa idosa deve evitar fugas ao passado e isolamento, além de fazer os processos de ajustamento criativos gradualmente para que possam conviver com tantas mudanças. Pode-se perceber que a vivência de *habitar* a ILPI, é uma experiência que vem sofrendo um ajustamento criativo, por exemplo, com relação à adaptação às novas regras.

Bessa e Silva (2008) afirmam que a internação em uma ILPI é um reestabelecer da vida da pessoa idosa. Já Ribeiro (2006) ressalta que para se viver, é preciso um movimento constante de ajustar-se criativamente. Koller (2004) complementa que o ajustamento criativo se dá na relação do indivíduo com o meio e surge a partir de uma necessidade. Pode-se perceber que a decisão e a ida do casal S3 e S4 para o novo *mundo circundante*, ILPI, foi uma forma de ajustamento criativo, uma vez que a necessidade dos mesmos era de origem financeira e a instituição sendo pública, satisfazia essa necessidade: “...nunca sobrava dinheiro...” (S4), “...agora que sobra dinheiro, eu estou comprando as coisas que eu gosto... Está tudo bom agora!” (S3). O casal S1 e S2, por sua vez, teve como motivação primeira a saúde e em segundo lugar o financeiro, como pode-se perceber no trecho seguinte: “...marido doente, eu tinha que vir... A gente morava de aluguel, passava todo tipo de coisa... Aí eu vim e me sinto muito bem..” (S1). Em ambos os casos, as necessidades dos casais foram satisfeitas com a entrada na ILPI e nesse momento, buscam se ajustar às regras da instituição como dito anteriormente.

Augras (2002), Forghieri (1993), Silva (2007) defendem a idéia de que o ser está sempre inserido em um espaço. O homem ao se relacionar com esse *mundo circundante*, habita-o de forma essencial (Heidegger, 2004). Este espaço é sempre compartilhado como enfatiza Heidegger (2008). É por meio da relação com o outro e com o mundo que o indivíduo atualiza suas potencialidades e se reconhece enquanto si próprio (Forghieri,1993). Nesse sentido, percebeu-se que no *mundo humano*, as relações com as pessoas na instituição são imprescindíveis para a análise da vivência de habitar no espaço ILPI.

Nos trechos a seguir pode-se perceber, de forma unânime, a presença das relações interpessoais, ou seja a vivência do *mundo humano*, como relevante aspecto do habitar a ILPI: S1: “Eles cuidam direitinho da gente... Tem gente pra gente conversar...”, S2: “Eles cuidam da gente direitinho... Eles tão sempre aí vendo se a gente precisa de alguma coisa...”, S3: “O pessoal é tudo bonzinho com a gente.”, S4: “...o pessoal aqui é muito bom pra gente... Tem aulas, atividades aqui...”.

Ainda no que se refere ao *mundo humano*, com relação às visitas familiares, S1, S2 e S3 qualificaram-nas como escassas e tentaram justificar a ausência delas. S1 justifica a ausência pela impossibilidade da família em dormir na instituição: “Minha família vem cá passeia vai embora... É aqui eles não podem ficar muito tempo né...”, S2 e S3 ressaltam a falta de tempo dos familiares para visitá-los: S2: “Família vem, visita a gente.... Não é sempre não.... acaba que eles enrolam as vezes...”, S3: “...minha família vem me visitar de vez em quando. O povo todo hoje em dia anda muito ocupado...”.

As falas dos entrevistados acima demonstram um afastamento da família o que pode estar modificando as fronteiras de familiaridade desses idosos. Polster & Polster (2001) afirmam que a fronteira de familiaridade é o limiar entre o que é familiar ao sujeito e o que não é. Com o aumento da convivência interpessoal na ILPI, aquilo que antes era o mais familiar começa a se modificar. Isso evidencia o processo de auto-regular-se. Dessa forma, percebe-se como o *mundo circundante* e o *mundo humano* encontram-se inter-relacionados.

Sob o prisma do *mundo próprio*, Silveira (2000 e 2008) acredita que a visão da sociedade de que o idoso está prioritariamente ligado ao passado é desatualizada. Negreiros (2003) e Portal e cols (2002) relatam que a pessoa idosa busca uma integração presente, passado e futuro. No relato do casal S1 e S2 pode-se perceber que esses idosos

fazem referência ao passado, quando moravam na outra instituição, ao presente e ao futuro como se pode observar na fala de S2 a seguir: “Antes eu morava de aluguel, não sobrava dinheiro pra nada... Agora a gente tem uma sobrinha de dinheiro...”. No relato do outro casal, e no trecho de S3, também pode-se perceber que existem alusões a questões do passado, do presente e do futuro o que deixa claro a interligação dos três momentos do tempo: “A gente estava morando em um abrigo particular antes... Devagarzinho, agora que sobra dinheiro, eu vou comprando as coisas... Está tudo bom agora!” (S3).

Englobar os diversos momentos e etapas da vida, para Silveira (2008), é uma maneira de se alcançar uma aceitação da própria trajetória da vida como um todo, o que ainda abarca a questão do *mundo próprio*. Koller (2004) corrobora com a autora complementando que a auto-regulação orgânica e o ajustamento criativo estão presentes nesse processo de aceitação. A partir das respostas dos idosos, fica evidente que eles buscam integrar as etapas e tentam se ajustar às dificuldades que encontram. Assim como buscam se adaptar à nova realidade da ILPI e às novas regras, como a de visitação, por exemplo, que é citada pelo casal S1 e S2: “não podem posar aqui... Mas vem visita e depois vai embora....” (S2) “Vem pra cá, mas para dormir não... Vem visita e vai embora...” (S1).

Considerações Finais

Como relatado por Forghieri (1993), o que é vivenciado no *mundo circundante* e no *mundo humano*, implica na identidade de cada um, no *mundo próprio*. Visto a escassez de produções bibliográficas da Gestalt-terapia na temática da pessoa idosa habitar ILPIs, é de muita relevância para a Abordagem e para Psicologia essa pesquisa.

Os idosos da ILPI em questão habitam um espaço físico de lar, porém submetidos às regras de outrem. Pesquisas como estas são necessárias uma vez que a sociedade caminha para um aumento de idosos habitando ILPIs. Porém é necessário se atentar para as formas de cuidado promovidos aos idosos para que não tomem um caráter assistencialista. Uma vez que, conforme Costa (2006) ressalta, referindo-se a Heidegger (1981), o autêntico cuidar é aquele em que se convida o outro a voltar-se para si mesmo facilitando para que ele próprio encontre seus caminhos e se encontre.

Referências:

- Amatuzzi, M. M. (2008). *Por uma Psicologia Humana*. Campinas: Alínea editora.
- Augras, M. (2002). *O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico*. Petrópolis: Vozes.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bessa, M.E.P. & Silva, M. J. (2008). Motivações para o ingresso dos idosos em instituições de longa permanência e processos adaptativos: um estudo de caso. *Texto & Contexto – Enfermagem* 17(2), 258-265.
- Bosi, E. (1994). *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Cia das letras.
- Costa, V.S.M. (2006). Fenomenologia do cuidado. *Revista da Abordagem Gestáltica*. 12,67-73.
- Creutzberg, M., Gonçalves, L.H.T., Sobottka, E.A. & Ojeda, B.S. (2007). Long-Term Care Institutions for Elders and the health system. *Revista Latino-Americana de enfermagem* 15(6), 1144-1149.
- Forghieri, Y.C.(1993). *Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisas*. São Paulo: Pioneira Editora.
- Giorgi, A. (1985). Shetch of a psychological phenomenological Method, Em: C. Aanstoos, W. F. Fischer, A. Giorgi & F. J. Wertz (org). *Phenomenology and Psychological Research*. (8-22). Duquesne University Press: Pittsburgh, PA.
- Haddad, E.(1986). *A ideologia da velhice*. São Paulo: Editora Cortes.
- Heidegger, M. (2008). *Ser e tempo*.Petrópolis: Vozes.
- IPEA (2008). Características das Instituições de Longa Permanência para Idosos: Região Centro Oeste. Brasília. Presidência da República.
- Jaspers, K. (2006). *Psicopatologia Geral*. São Paulo: Atheneu.
- Koller, B.C. (2004). *A experiência de envelhecer na perspectiva da gestalt-terapia*. Monografia não publicada, Curso de Especialização em Gestalt-terapia do Instituto Gestalten, Florianópolis, Santa Catarina.

- Moreira, V. e Nogueira, F.N.N. (2008). Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicologia USP*, 19 (1), 59-79.
- Negreiros, T. C. G. M. (2003). Espiritualidade: desejo de eternidade ou sinal de maturidade? *Revista mal estar e subjetividade*. 3(2), 275-291.
- Neri, A.L. (2001). O fruto da sementes: processo de amadurecimento e envelhecimento. Em: A.L.Neri (org), *Maturidade e Velhice* (11-52). Campinas: Papyrus.
- OMS (2010) *In almost every country, the proportion of people aged over 60 years is growing faster than any other age group*. Retirado no dia 03-03-2010, do site <http://www.who.int/ageing/en/index.html>
- Pavarini S.C.I., Mendiondo M.S.Z., Barham E.J., Varoto V.A.G, Filizola C.L.A. (2005) A Arte de cuidar do idoso. *Em Texto Contexto Enfermagem*.14(3), 398-402.
- Pereira, T. M. F. R. A. (2005). *Histórias de mulheres idosas – Um estudo sobre o Bem-Estar subjetivo na velhice*. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Pollo, S.H.L., Assis, M. (2008) Instituições de longa permanência para idosos - ILPIS: desafios e alternativas no município do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 11(1).
- Polster, E. & Polster, M. (2001). *Gestalt-terapia Integrada*. São Paulo: Summus editorial.
- Portal, L. L. F., Vicentini, I. M., Rosa, J. P., Mattos, A. P., Stein, N. R. & Ungaretti, R. L. (2002). Espiritualidade: um potencial a ser desenvolvido. Em: N. L. Terra & B. Dornelles (orgs.) *Envelhecimento bem sucedido, Programa Geron.* (p.13-22) Porto Alegre: Edipudrs.
- Ribeiro, J.P. (1985). *Gestalt-terapia: refazendo um caminho*. São Paulo: Summus editorial.
- Ribeiro, J.P. (2006). *Vade-mécum de Gestalt-terapia: conceitos básicos*. São Paulo: Summus editorial.
- Sanches, A.P.R.A., Lebrão, M.L. & Duarte, Y.A.O. (2008). Violência contra idosos: uma questão nova? *Saúde Soc*.17 (3), 90-100.
- Sousa, A.M.V. (2004) *Tutela Jurídica do idoso: a assistência e a convivência familiar*. Campinas: Alínea.
- Silva, L.R.F. (2008). Da velhice a terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências e Saúde*. 15(1), 155-168.

- Silva, A.A.R.(2007). Relação entre espaço e tempo e lugar no pensamento de Martin Heidegger. *Revista Eletrônica Correlatio*.11(7).
- Silva, L.R.F. (2009) Autonomia, imperativo à atividade e "máscara da idade": prerrogativa do envelhecimento contemporâneo? *Psico.Soc.*21(1).
- Silveira, T. M. (2000). Os avós na família contemporânea. *Revista de Gestalt (Departamento de Gestalt-terapia do Instituto Sedes Sapientiae)*, 9, 37-44.
- Silveira, T.M. (2008). A pessoa madura e o mundo contemporâneo. *Revista IGT na Rede* 5(9),126-135.
- Tier, C.G., Lunardi, V.L.L., Santos, S.S.C.(2008). Cuidado ao idoso deprimido e institucionalizado à luz da Complexidade. *Revista Eletrônica de Enfermagem*.10 (2),530-536.
- Turato, E.R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativo*. Petrópolis: Vozes.

Anexos

Anexo A

Entrevista S1	2º Passo	3º Passo	4º Passo
<p>1-Como é habitar nessa instituição? No meu caso com marido doente, eu tinha que vir. Mas agora que eu estou aqui, aqui é bom! É!! Aqui é bom. A gente morava de aluguel, passava todo tipo de coisa... Ele doente, tem marcapasso... Paga aluguel, paga energia, paga água, tinha que guardar dinheiro para na hora de precisão leva pro hospital. Era muito difícil. Mas parece que Deus abriu as portas pra mim, aí eu vim aqui e consegui... Porque assim, quando a pessoa casa, tem que ser unida né!? Aí eu vim aqui, conversei... Eles foram lá, viram minha situação né? E falaram... não... vocês realmente precisam... Aí eu vim e me sinto muito bem aqui graças a Deus... Nunca arrependi! Até agora me sinto bem... Tem um ano que eu moro aqui e não tenho nada que arrepender... Tudo bom... Tudo bom... Sempre foi bom... Ao menos para mim... Agora para os outros eu já não sei né... Mas pra mim sempre foi bom... E assim... Eu já estava vendendo tudo.... O homem ia lá em casa pedir o dinheiro do aluguel, eu não tinha. Aí depois recebia, o dinheiro</p>	<p>Entrevistada afirma que teve que vir morar na instituição pela doença do marido. Mas que agora é bom morar lá. Antes moravam de aluguel e tinham uma vida muito difícil. Mas Deus abriu as portas para ela e ela conseguiu morar lá. Tem a crença de que quando se casa, deve-se ter união. Hoje se sente bem e atribui isso à Deus. Tem um ano que mora na instituição e não se arrepende de nada. É tudo bom para ela. Hoje o dinheiro é suficiente para comprar os remédios para o marido e até para ele comer melhor. Desde que foi para a instituição está saudável, não precisou nem interná-lo mais. Atribue a melhora do marido aos cuidados recebidos por ele na instituição. Está tudo ótimo, para ela. A família vai visita e vai embora, porque não podem dormir lá e, então, não ficam</p>	<p>Teve que vir morar na instituição pela doença do marido, mas agora é bom. Tem a crença deve-se ter união no casamento. Depois que mudou para a instituição o dinheiro não falta, o marido tem os cuidados dos quais precisa, família vem e visita e ela tem com quem conversar.</p>	<p>Cuidado: saúde, financeiro, presença dos cuidadores via diálogo e ausência da família.</p>

<p>dele não dava... Aí eu falava, nem que morre, mas paga tudo... Aí eu pagava tudo... Aí largava remédio... E ele é igual criança... Tem que ter o leite direto... Aí eu vim aqui e consegui não é?</p> <p>É menina, minha vida era uma vida sofrida... Agora graças a Deus não... Agora o dinheiro dá pra comprar os remédios dele, dá para ele comer melhorzinho... Dá para o leite... E dá... O que eu tinha vendido para cuidar dele eu já consegui comprar tudo de novo... Ele pegou saúde aqui... Não precisei levar ele mais para internar... Aqui eles cuidam dele direitinho... Parece que foi Deus que falou... vai pra lá e abriu as portas para mim de uma vez... Tudo ótimo... Num tenho nada que dizer... Minha família vem cá passeia vai embora... É aqui eles não podem ficar muito tempo né... Aí quando eles vem eles vão mais é para a casa da minha irmã... Aí fim de semana eles vem... fica sexta, sábado e domingo e eles vão embora... Isso quando ele tá aqui, mas às vezes eles pegam e vão pra Tocantins... Vem pra cá, mas para dormir não... Vem visita e vai embora... Tudo ótimo... Eles cuidam direitinho da gente... Tem gente pra gente conversar... Tudo ótimo!</p>	<p>muito tempo. Morar lá é tudo ótimo e tem gente para conversar.</p>		
---	---	--	--

Anexo B

Entrevista S2	2º Passo	3ºPasso	4ºPasso
<p>1-Como é habitar nessa instituição? Ah... É muito bom... o pessoal aqui é tudo bom! Eles cuidam da gente direitinho... Eu tenho problema no coração e preciso as vezes de remédio de enfermeiro.... Eles tão sempre aí vendo se a gente precisa de alguma coisa.... Muito bom... Antes eu morava de aluguel, não sobrava dinheiro pra nada. Minha mulher já tava era vendendo as coisas tudo para poder pagar os remédio pra mim... Aí nós ficamos sabendo daqui e viemos logo ver se tinha como mudar para cá... No começo foi difícil porque não tinha lugar... Mas logo vagou um lugar e a gente conseguiu vim.... Aí ficou tudo bom graças a Deus.... Cuida.... cuida sim.... Eu tenho marcapasso né.... Depois que eu vim para cá nem tive mais que sair correndo para o médico mais, acredita? Pois é... Graças a Deus... Agora a gente tem uma sobrinha de</p>	<p>O entrevistado afirma que é muito bom morar na instituição. Os funcionários cuidam bem dele, sempre estão vendo se precisam de alguma coisa, já que ele tem problema de coração e precisa de remédio, enfermeiro. Antes de virem morar na instituição, não sobrava dinheiro para nada. No começo, foi difícil mudar porque não tinha lugar. Depois que conseguiu, ficou tudo bom. Dá graças a Deus de estar tudo bem. Depois de morar na instituição, nem teve que sair correndo mais para o médico. Agora sobra dinheiro. Não é sempre que família visita e quando vem não podem dormir na instituição. É bom morar lá, não fica no aperto e o deixa mais tranqüilo.</p>	<p>É bom, os funcionários cuidam direitinho. Ele tem problema de saúde e precisa de cuidados. Sobra dinheiro o que o deixa mais tranqüilo. Família nem sempre visita e quando vem não pode dormir.</p>	<p>Cuidado: Saúde, financeiro, ausência da família.</p>

<p>dinheiro para poder comprar remédio e as coisinhas que a gente as vezes precisa né... Família vem, visita a gente.... Não é sempre não.... acaba que eles enrolam as vezes.... ficam lá pelo Tocantins... porque eles são de lá né... Mas quando vem ficam na minha cunhada porque não podem posar aqui... Mas vem visita e depois vai embora.... mas mesmo assim morar aqui é bom demais.... sobra dinheiro, a gente num fica no aperto o tempo todo, fica mais tranqüilo né...</p>			
---	--	--	--

Anexo C

Entrevista S3	2º Passo	3º Passo	4ºPasso
<p>1-Como é habitar nessa instituição? Eu acho bom... Eu acho! O pessoal é tudo bonzinho com a gente. Moramos eu e o meu marido, minha família vem me visitar de vez em quando. O povo todo hoje em dia anda muito ocupado, quase não anda tendo tempo de passear não. Eu tenho uma filha caçula que sempre vinha, mas agora arranjou um serviço lá que ela está enrolada; sai seis e meia pro serviço e chega sete, sete meia do serviço. Sábado ela lava roupa, faz unha cabelo e domingo ela quer descansar, porque ela diz que pra vir aqui é uma cansaça desses ônibus; ela não tem condução própria né? Quando ela vem ela chega cedo, almoça, passa um pedaço e vai embora. Eu gosto que ela venha para passar o dia.... Mas vim pra cá foi bom... Até engordei, não queria ter engordado não! Vai fazer três meses agora que eu estou morando aqui. Foi facinho vir para cá. Meu marido veio para cá conversou com a Regina e ela disse que ia arrumar uma casa para gente. Ela falou para a gente combinar direitinho o dia de ir... A gente estava morando em um abrigo particular antes. Lá a gente paga para dormir, paga para comer. E ainda tava 70% do que a gente ganha... Ainda tem que comprar remédio... Teve um dia lá que eu fiquei tão nervosa</p>	<p>Entrevistada afirma que acha bom morar na instituição. Para ela, os funcionários cuidam bem dela e do marido. Mora com o marido e a família a visita de vez em quando. Porém, antes, a filha a visitava mais, hoje não tem tempo. Sua saúde melhorou, até ganhou um pouco mais de peso. Foi fácil entrar na instituição. No lugar aonde morava antes, um abrigo particular, pagava para comer, para dormir e ela queria se mudar de lá. Agora nessa instituição, o dinheiro está sobrando e ela está comprando coisas para ela devagar.</p>	<p>Funcionários cuidam bem dela e do marido e sobra dinheiro para ela. A família visita de vez em quando.</p>	<p>Cuidado: financeiro, saúde, ausência da família.</p>

<p>que eu falei pro B. que eu queria sair de lá de qualquer maneira. Nem que fosse para a casa da minha filha eu ia. Meu pagamento era R\$510,00 e sobrou R\$0,50 para mim só. E depois que o B. viu o tanto que eu fiquei nervosa, ele veio aqui e conversou com a Regina. Aí ele foi lá e combinou com o povo né o pagamento do lugar que a gente tava antes.... No dia que a gente foi fechar com eles lá eles entenderam e ainda mandaram um monte de coisa pra gente; prato, copo... Eles sabiam que a gente num tinha quase nada né? Agora meu armário encheu que quase não está cabendo mais nada! Eles mandaram as coisas e mostrou que de fato não ficaram com raiva de mim de ter saído de lá né? Aqui é tudo bom.... Devagarzinho, agora que sobra dinheiro, eu estou comprando as coisas que eu gosto... Está tudo bom agora!</p>			
---	--	--	--

Anexo D

Entrevista S4	2ºPasso	3ºPasso	4ºPasso
<p>1-Como que é habitar nessa instituição? Uai... tem 3 meses que eu moro aqui.... é bom sabe... Eu moro aqui com minha esposa... A gente morava em um outro lugar que era particular não era publico igual aqui não sabe? Lá a gente tinha que pagar 70% da aposentadoria e o resto tinha remédio e outras coisas e nunca sobrava dinheiro... Minha mulher não tava mais agüentando até ameaçou me largar e ir morar com a filha porque não queria mais viver tão sem dinheiro sabe.... Por causa disso que eu corri aqui, falei com a Regina e ela ajudou a gente a vir para cá... Morar aqui é bom né... tem o pessoal aqui que a gente conversa.... tem minhas plantinha aqui fora que eu gosto de cuidar.... Sem contar que sobra um dinheirinho para gente comprar as comida, as coisas que precisa... sem ficar apertado.... As filha vem visitar a gente sempre que dá... embora que elas tem</p>	<p>Entrevistado afirma que é bom morar na instituição. Antes não sobrava dinheiro e hoje sobra. Tem diálogo com as pessoas e as plantas para cuidar. Os funcionários cuidam deles e verificam se estão tomando os remédios. A comunidade perto interage com eles nas atividades da instituição.</p>	<p>Sobra dinheiro, os funcionários cuidam, e tem pessoas para dialogar. Interagem com a comunidade nas atividades.</p>	<p>Cuidado: financeiro, saúde, diálogo e atividades.</p>

<p>vindo menos por causa que tá difícil... correria né... Mas é bom demais morar aqui... Tem o centro de saúde aqui dentro também né... o pessoal aqui é muito bom pra gente... Conversa com a gente... leva os que tão na cadeira de rodas para dar umas voltas... cuida da gente... vê se a gente ta tomando os remédios.... Tem aulas, atividades aqui.... O pessoal que mora aqui perto vem pra ter aula com a gente... É muito bom.... Eu gosto de morar aqui... É muito bom...</p>			
---	--	--	--